

A dança dos números

Os números são implacáveis: o Brasil, entre os principais países latino-americanos, é a única exceção recessiva em 1993. O Produto Interno Bruto do continente cresceu, segundo dados da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), em 3,2 por cento.

Em 1992, já havia crescido 2,9 por cento. O Brasil antes, como agora, em nada contribuiu para essa performance continental, apesar de ser, de longe, o país mais importante do pedaço e um dos de maior potencial econômico de todo o planeta.

Em recente visita a Brasília, dirigentes chineses disseram ao presidente Itamar Franco que o Brasil é a grande expectativa de parceria prioritária e constante daquele país no Terceiro Milênio. Não apenas por seu potencial agrícola e recursos naturais, indispensáveis quando se trata de alimentar uma população como a chinesa, cuja grandeza se mede na escala do bilhão. Há também excelentes referências à qualidade de mão-de-obra nacional, capaz de construir uma cidade como Brasília no espaço de cinco anos.

Mas voltemos aos números da Cepal, que, como se sabe, é um dos órgãos técnicos filiados à ONU e possui credibilidade internacional. E é ela ainda que informa que, quanto ao combate à inflação, o Brasil também está na contramão de seus vizinhos. A média das taxas de inflação no continente baixou de 25 por cento em 1992 para 15 por cento este ano. O Brasil, claro, continua firme em seu gigantismo. A taxa de inflação deste ano é superior a dois mil por cento.

Quanto aos preços, *idem*. A variação deles no Brasil ficou em torno de três mil por cento, o que dispensa comentários. O único item em que o Brasil mostra desempenho razoável é quanto ao comércio exterior.

Suas vendas cresceram nove por cento e as compras 24 por cento. Mesmo com o aumento das importações, o superávit está em torno de 13,5 bilhões de dólares, um número satisfatório, embora inferior ao do ano passado. E profundamente inferior aos desempenhos da década dos 70.

O que falta ao País para recolocar-se razoavelmente no cenário externo, se tem potencial expressivo e mão-de-obra qualificada? Hoje, a meta não é propriamente recuperar o desempenho dos anos 70. Ninguém, a sério, sonha com tanto. O País já se daria por satisfeito se obtivesse a performance, digamos, da Bolívia. A Argentina, cuja economia representa dez por cento do nosso PIB, tornou-se um paradigma sublime, inalcançável. Seu ministro da Economia, Domingos Cavallo, vem aqui aconselhar superiormente o ministro Fernando Henrique Cardoso.

O problema brasileiro é político, já repetia obsessivamente o falecido Ulysses Guimarães. Assim com há o círculo vicioso, que aprisiona o País em seus próprios problemas e dificuldades, há também o círculo virtuoso, que faz, com a velocidade da luz, trajetória inversa. O Brasil tem sido vítima de sucessivos maus governos.

E os governos são ruins porque o processo de escolha dos governantes - aí incluídos parlamentares e juizes - é viciado. A população não confia nas instituições. Os depósitos de brasileiros em contas no exterior (somente os regularmente declarados) ultrapassam em valor a já de si monumental dívida externa brasileira. Não há maior demonstração de descrédito interno. Como romper esse processo, eis o desafio do próximo presidente, que, a julgar pelos nomes disponíveis, ainda não está nada próximo.